

Vilimar Scheibel

Crônicas
e
Poesias

Escrito de
Frei Pedrinho Scheibel, OFM

ICSFA



VILIMAR SCHEIBEL

**CRÔNICAS E POESIAS:
ESCRITOS DE
FREI PEDRO SCHEIBEL, OFM**

ICSFA

2020

PORTO Alegre – RS ICSFA 2020

Província São Francisco de Assis no Brasil

Av. Juca Batista, 330

Ipanema

91770-000 – Porto Alegre – RS

CNPJ: 35.332.968/0001-08

EQUIPE EDITORIAL

Coordenação: Fr. João Carlos Karling, OFM e Fr. Arno Frelich

Revisão: Fr. Romano Zago, OFM (Dorvalino Zago)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S318c	Scheibel, Vilimar Crônicas e poesias : escritos de Frei Pedro Scheibel, OFM / Vilimar Scheibel, OFM – 1. ed. – Porto Alegre : ICSFA, 2020. 60 p. ISBN 978-65-88060-06-3. 1. Scheibel, Pedro, Frei OFM. 2. Literatura brasileira - Crônicas. 3. Literatura brasileira - Poesia. I. Título. CDU 821.134.3(81)-1
-------	--

Bibliotecária responsável: Andréa Fontoura da Silva – CRB10/1416

SUMÁRIO

PALAVRA DO MINISTRO	5
APRESENTAÇÃO	7
“FOLHAS MORTAS E REVIGORADAS”	9
O CAPIAU	11
PRIMAVERA	15
FELICIDADE	16
FIO DE NYLON	17
VOCAÇÃO	18
MÍRIAM, A BELA MENINA	19
O ARCHOTE ADORMECIDO	20
ECOLOGIA	23
POR SINAIS	24
É MARAVILHOSO	25
A ORAÇÃO	26
FRANCISCLARA	27
BÍBLIA SAGRADA	28
“ESPERANÇAS E ALEGRIAS MESSIÂNICAS”	29
CINCOENTA ANOS DE CAMPEIRO	32
FONTES CLAREANAS	33
ECOS DOS JUBILEUS	36
ALEGRIAS E AGRURAS DA ALMA	38
A MENSAGEM DAS FLORES	40
TRINDADE E UNIDADE DE DEUS	41
PALESTRAS DADAS AO NOTURNO DE 1980	45

MENSAGEM DE SAGRAÇÃO DE BISPO	48
SÃO FRANCISCO E A NATUREZA.....	49
NOVIÇO – NOVICIADO	53
“ALAS PURGAS” – CRÔNICA	56
ROMARIA DA TERRA 2005	59

PALAVRA DO MINISTRO

Estamos sendo brindados com belíssima obra de vida, de espiritualidade de vivência do cotidiano, transcrita em prosa, crônicas e poesias. Obra mais límpida e transparente porque brota do simples gosto e prazer de ser escrita e, assim, poder ser partilhada e, agora, ser colocada em comum.

“Crônicas e Poesias” chega límpido a todos para poder ser degustada e apreciada também pelo simples prazer de ser lida e tornada viva em ações no cotidiano da vida. Obra que retrata e espelha o modo simples, contemplativo, fraterno e amigo do ser do Frei Pedrinho.

Somos gratos ao Frei Pedrinho Scheibel pelas palavras inspiradas que nos deixa. Valorizamos o escrito para incentivar que mais irmãos cultivem o belo gosto de iluminar a vida com a palavra.

Apreciamos a obra porque nos reconecta com os elementos da vida, da natureza, de Deus, de São Francisco e Santa Clara de Assis, ou seja, da espiritualidade e do carisma franciscano, que nos unem e fazem que sejamos irmãos e formemos Fraternidade.

Frei Marino Pedro Rhoden, OFM

APRESENTAÇÃO

Minha caminhada Franciscana começou no Convento São Boaventura no ano de 1959, na época eu tinha 17 anos; durante três anos estive como postulante para ser irmão franciscano. Durante o período de postulado, aprendi a fazer pães, cultivar hortaliças e cuidar dos animais. Os candidatos a irmão tinham seus momentos de orações separados dos clérigos.

Em 1962 aos 20 anos entrei no Noviciado na Ordem Frades Menores, onde recebi os ensinamentos sobre a vida Franciscana, como seguidor do Evangelho de Jesus Cristo, a exemplo de São Francisco de Assis; na vida Franciscana, numa comunidade de clérigos. Meu serviço era de hortelão, ainda como aprendiz. A formação, a recreação e as palestras para os estudantes e irmãos aconteciam separados dos estudantes e clérigos. Todavia, as orações do ofício Divino, a missa e as refeições eram realizadas todos juntos.

No ano de 1963, fiz a profissão temporária. No mesmo ano fui transferido para o Seminário Seráfico de Taquari. Neste lugar exerci várias atividades, dentre elas o serviço de padeiro e hortelão. Na oração, tínhamos quatro momentos de orações conhecidas como horas menores, e a missa diária.

Morei em diversas casas nas fraternidades: Convento São Boaventura, em Daltro Filho; Seminário Seráfico, em Taquari; Seminário São Pascoal, em Três Passos; na Cúria Geral da Ordem dos Frades Menores, em Roma; no Seminário Nossa Senhora Medianeira, em Agudo; na casa do Postulado, em Arroio do Meio; no Provincialado, em Ipanema, Porto Alegre; no Sítio, na Lomba do Pinheiro porto Alegre e no Assentamento Capela Santana, em Nova Santa Rita, RS.

Nos anos de 1970 a 1974, cursei o segundo grau técnico em contabilidade, na Escola Municipal Pereira Coruja de Taquari. Em 1979 Cursei o CEFEPAL (Centro de Estudos Franciscanos e Pastorais para a América Latina), em Petrópolis RJ. De 1983 a 1988 fui nomeado para prestar serviços na Cúria Geral dos Frades Menores, morando por seis anos em

Roma. Naqueles seis anos visitei os lugares onde São Francisco viveu. Viajei também pela Alemanha, Holanda, Terra Santa e dentro da Itália.

Na volta ao Brasil e à Província, em 1989 fui designado para Três Passos, no Seminário São Pascoal; em 1990 fui transferido para o Seminário Franciscano, em Arroio do Meio, onde permaneci até 1992, junto aos alunos de ensino médio. De 1993 a 2001 fui nomeado para prestar serviços de cuidador, hospedeiro e hortelão, no Lar Monte Alverne e no Provincialado, em Porto Alegre. Em 2002 passei um ano, junto com Frei Blásio Kummer e mais três estudantes, na pastoral, no assentamento Capela, na Fraternidade Filhos da Mãe Terra, em Nova Santa Rita. Atuei na sede da cooperativa do assentamento como auxiliar da formação e agente de pastoral.

Em 2003 retornei ao Provincialado, em Porto Alegre, onde permaneci por um ano. De 2004 a 2005, juntamente com o Frei Pedro Tarelli, fui morar no sítio da Província, na Lomba do Pinheiro, Porto Alegre; ajudei a cuidar do terreno, limpando-o para cultivar hortaliças e outras plantas. Nos anos seguintes, 2006 a 2008, passei mais três anos prestando serviços no Provincialado, no cuidado com os idosos, juntamente com a equipe de saúde do Lar Monte Alverne.

Nos anos de 2009 a 2010 fui nomeado para prestar serviços na comunidade do Seminário São Pascoal, em Três Passos. Desde 2011 estou morando e prestando serviços no Convento Franciscano São Boaventura, em Imigrante, RS.

Para concluir este breve histórico, faço uso de algumas palavras de Santa Clara: "Contemplar é ter entranhas de misericórdia; contemplar é ter o olhar de Deus". A contemplação de Clara se convergia e tinha como pista e ótica três palavras chaves; olhe, considere, contemple. Corra sem perder de vista seu ponto de partida, conserve o que você tem, faça o que está fazendo e não o deixe; mas em rápida corrida, com passo firme, confiante e alegre avance com cuidado pelo caminho da bem-aventurança.

Frei Pedro Scheibel, OFM.

“FOLHAS MORTAS E REVIGORADAS”



Foi num dia, na calada do inverno, quando já não se fazia mais ouvir o harmonioso canto do medo e do rouxinol no jardim das magnólias.

Pela janela do convento, contemplei. Ouvia um maravilhoso espetáculo diferente, uma orquestra filarmônica e arrítmica da natureza, numa sucessão de fugas e contrapostos em arranjos que nenhum gênio musical ousara ainda transpor para uma clave de sua pauta.

E nunca visto em salões e nem ouvido em ópera, em que se fazem ouvir melodiosas músicas, orquestradas pelos grandes mestres, melodias que moviam e animavam como ventes danças fluentes em suntuosos salões, teatros de ancestrais gênios e mestres da música clássica que, até hoje, se fazem ouvir pelas suas vozes originais ou interpretadas.

Sintamos, pois, o emotivo fenômeno que se desdobrou nesses dois cenários improvisados: um sobre o jardim de magnólias e outro, abaixo dele, num pequeno pátio. O ruído de ventos impetuosos crescia, soprando fortemente através das majestosas magnólias plantadas no jardim, e produzindo um comovente zunido de assobios estridentes.

Abaixo do jardim, numa passagem subterrânea, ligada ao pequeno pátio quadrangular, de altos muros e paredes do convento, encontrava-se um amontoado de folhas mortas.

Quando essas eram movidas pelo vento forte, rodopiavam, dançando em loucos torvelinhos e faziam espiral, subindo e descendo pelos ares, em furiosos movimentos, no pequeno espaço do pátio subterrâneo do convento. “Seus farfalhos uniam-se aos sibilos e juntos pareciam fazer grande festa, em ruidosos pasmos e acenos. O espetáculo era fascinante por tanta agitação. Parecia mesmo que as folhas mortas quisessem unir-se

novamente aos galhos verdes ou vice-versa”.

Pois, em cada zunido do vento forte, as folhas mortas retomavam embalas, dançando em frenesi e loucas, como se quisessem unir-se novamente aos galhos verdes. Essa intensa, oscilante agitação das folhas mortas e galhos verdes parecia ter mais vida do que todos nós, seres humanos.

De repente, um pensamento efêmero perpassou minha mente e perguntei-me:

- Quem sabe se também nós somos movidos pelo sopro do Senhor Deus, à semelhança das folhas mortas?

Mas, logo abandonei tal fantasia. Compreendi meus conformes e alusões, e vi que não é assim, mas, algo muito mais sublime, porque temos vida, e o Senhor da vida mora em nós, nos ampara, nos preserva e caminha junto, conduzindo-nos a um destino eterno.

E ainda mais, as folhas mortas, movidas pelo vento, definham; assim que os ventos cessam, apenas servem para revigorar a própria planta, quando enfraquecida, ou fazem crescer plantas novas e tornarem-se vigorosas.

Nós não definhamos, ao morrer. Mas, sim, viveremos unidos ao manancial da vida pelo sopro divino, por todo e sempre, na eternidade.

*Frei Pedro Scheibel, OFM
(BdeC – Ano XXX – 1995).*

O CAPIAU (CRÔNICA)



Na primavera de 1980, no Seminário de Três Passos, durante o horário do estudo das 14h às 15h, eu fazia o papel de regente, enquanto os demais componentes da Fraternidade se davam ao sono dos justos, ao afago de seu anjo da guarda.

Fazia-se profundo silêncio nos corredores. De repente, tal silêncio foi quebrado pelo som da campainha da portaria e quem, por primeiro foi atender, foi uma Irmã, que vinha vindo pelo lado da cozinha. Ao abrir a porta, depara-se com um andarilho que agitava uma nota de 100 cruzeiros. Queria falar com um padre, e já vinha perguntando se o padre lhe podia trocar a nota de 100 cruzeiros por duas de 50.

A Irmã lhe pergunta:

– O que é para perguntar ao padre?

O homem responde:

– Eu apenas quero trocar essa nota de 100 por duas de 50 cruzeiros. E pergunta à Irmã:

– O padre está?

– Não, responde a irmã, o padre não está...

O cara retruca:

– Então você mesma pode trocar para mim esta nota de 100 por duas de 50; uma fica para mim e a outra fica para você. Se trocar esta nota logo, fica livre de mim; não precisa preocupar-se mais comigo. Mas a Irmã não quis saber de troca de notas...

A Irmã resolveu procurar um padre. Procurou, mas como não

encontrou padre, veio conversar com a gente. Me mandei para a portaria, a fim de conversar com o tal cara, que logo me perguntou, à queima-roupa:

– Você é um padre?

– Não, eu sou um frei, respondi.

– Ah!, então tu não és o padre, não? Eu pensei que você fosse padre. Tu não queres me chamar o padre? O Diretor desta casa, de preferência.

– O que você quer afinal de contas?

– Eu apenas quero trocar essa nota de 100 por duas de 50 cruzeiros, pra modo de eu ajuda o Seminário. Eu também tenho dinheiro prá gasta. Por isso gosto de ajuda o Seminário. Eu também sou católico. Sou amigo dos padres. Gosto dos padres; por isso, quero ajudá-los...

Como o cara ficasse insistindo, fui trocar a nota de 100 por duas de 50 cruzeiros. Demorei um pouco. Quando voltei, o cara já estava indo embora. Tinha-se esquecido do seu cigarro na soleira da portaria onde estava sentado. Chamei-o de volta.

– Ah! trocou a nota de 100 por duas de 50, hé, até que enfim! Quando entreguei as duas notas de cinquenta para ele, devolveu-me uma nota de cinquenta, dizendo:

– Uma nota de cinquenta fica para mim e outra para você... Após tanta implicância, o cara me perguntou:

– Ficou satisfeito agora, hé? Ficou satisfeito?

Retruquei:

– Fiquei ...

O cara me disse:

– Obrigado, viu!? Muito obrigado... Entre umas e outras, o sujeito ia dizendo.

– Se eu fosse comandante de exército de milicos, não deixaria nenhum milico na rua. Iria deixar toda essa cambada presa no quartel, para a gente poder andar mais livre na rua, sem precisar preocupar-se com esses cara que ficam prendendo a gente... Eu iria deixar todo mundo em casa, hé, sabe. Não precisa contar a ninguém. É piada minha. É piada minha. Não precisa contar isso ao padre, não. O padre não precisa saber dessas coisas que estou conversando. Me desculpa, viu? É que estou meio chumbado. Tomei um pouco demais, hé... de pinga... É, mas se eu fosse comandante, ia mandar, ia deixar todos em casa, só para mostrar que eu também sou inteligente, que eu sei, que tenho autoridade, que eu sei mandar nessas cara aí, hé! Não precisa contar para ninguém. É piada minha, é piada minha.

De repente o cara viu que estava sendo visto e ouvido, alvo de atenção de uns que olhavam pela janela da Sala de Pesquisa, donde se escutava a conversa animada da portaria e que não terminava mais! Uns seminaristas se puseram à janela para observar. Logo me foi feita a pergunta da estranha visita que ainda estava a falar:

– Quem são esses capiau aí na janela?

– São seminaristas, foi a resposta....

– Seminaristas? Retrucou ele...

– Sim...

Fez-se um momento de silêncio. E disse:

– Pois, eu também trabalho. Depois de cuspida costumeira, cada vez que mudava de assunto, num intervalo comercial, dava uma baforada de cigarro, cuspida, hé... era seu riso formal...

Retomando a prosa, disse:

– Um dia vou querer estudar para padre também, aqui nesse Seminário mesmo, com essa gurizada de vocês. Quero ser padre um dia, hé, padre, sim!... Ah! Não precisa contar para ninguém. É piada minha! É piada minha...

De repente levantou sua camisa de lado e perguntou:

– Você está vendo este facão aqui? Está vendo este facão aqui? Este facão aqui é para me defender.

– Mas você deve tomar cuidado com esse facão para não brigar, não matar alguém, tentei acalmar.

– Este facão aqui é para me defender quando querem avançar na gente. É para me defender, hé, então quer dizer que tu... Um dia quero brigar mesmo com um... Vem, vem, venha... Ah!. Mas tu é alto; não posso contigo... Tu é muito alto e forte; não posso contigo... É piada minha! Não precisa contar para ninguém.

Ao passarem por ele duas Irmãs que vinham voltando da cidade, encarou-as com um olhar de riso. O cara disse ao frei:

– Na próxima visita ao Seminário você fala com essas duas senhoras para se porem bem na pinta para bater um papo com elas; hoje não dá. Hoje não dá, porque estou chumbado... E resolveu ir-se, dizendo:

– Agora vou-me embora. Eu preciso tirar uma soneca. Vou tirar um soninho lá no capim, numa valeta, à beira da estrada. E foi-se embora, de fininho, caminhando firme e

fundo, atravessando o arco do cipreste. E foi pela sombra, em direção ao asfalto, para não perceberem que estava pinguço... E sumiu para sempre...

Eram 15h, hora do intervalo do primeiro estudo. Alguns seminaristas, que escutaram a conversa animada na portaria, ao lado da Sala de Pesquisa, me perguntaram:

– Quem era aquele capiau fuxiqueiro? Entre outras, perguntaram-me, ainda, se eu estava fazendo promoção vocacional com um bêbado? Respondi apenas:

– Fiquei ouvindo as proezas de um capiau pinguço que, com suas ideias confusas, falava de seus cacifes, manhas, ensejos, sonhos, piegas, quimeras...

Frei Pedro Scheibel, OFM

(BdeC – Ano XXXI – Abril-Maio-Junho – N° 2 – 1996, p. 46-48).

PRIMAVERA
(SONETO)

Ó Primavera, és a bela estação de novas vidas!
Revestes a natureza de verde e várias cores,
Derramando os perfumes diversos, nas floridas
Paisagens, nos mais esplêndidos primores.

Ofereces odorantes frutos e sabores
Aos passantes e outros viventes que se servem
Dos alimentos, refazendo seus vigores;
Uns elevam preces para que te preservem.

E contemplando a natureza assim maravilhosa
Onde seres humanos, animais, plantas que a povoam
Em volta da vital fonte gratuita e generosa

Do Além Divino, que une o criado ao eterno
Criador, que fez seres caminhantes e que voam;
Ao homem confiou o ensejo de tornar-se fraterno.

Porto Alegre, 02.10.1996.
Frei Pedro Scheibel, OFM
(*BdeC — Ano XXXI — Setembro-Outubro — N° 4 — 1996, p. 31*).

FELICIDADE
(SONETO)

Felicidade, de mansinho, vem chegando!
Embora esteja presente em toda parte,
Tantos são os que a vêm procurando!
Para achá-la, porém, precisa-se de arte.

Embora nunca a tinha visto,
Sei que ela mora no coração,
Onde mora também o Cristo,
Amigo da Paz e do Perdão.

São tantos, tantos os ensejos
Em nosso andar de peregrino,
Cheio de percalços e desejos,

Que divulgá-la por nossa vida
E, por meio deste pobre hino,
Deus a uniu e a todos convida...

Porto Alegre, 23.10.1996

Frei Pedro Scheibel, OFM

(*BdeC — Ano XXXI — Novembro-Dezembro — Nº 5 — 1996, p. 53*).

FIO DE NYLON

(SONETO)

Ele tem os diversos usuários, deles contam-se histórias,
Desde o fio dental, alfaia de festa, à pandorga e aos pescadores.
Seu uso em construções de muros, alinha canteiros e memórias.
Ao longo desses versos, dois recuerdos se realçam aos leitores.

Este foi pescar no rio, numa tarde de sol quente
Enquanto sentia, em águas profundas, a linha de anzol presa,
Viu um peixe nadando rente à praia e pousar em raso, de repente.
Eis que uma bela carpa foi pega, num golpe fatal, de surpresa.

Aquele que usava como despertador, um fio de nylon reteso,
Vinha da janela do Convento para um quarto do Seminário.
Ao puxar, o fio batia, num ladrilho, a vareta de leve peso,

Gerando som que fazia acordar do mais profundo sono
Todo e qualquer ente num pontual horário, igual a um operário.
És fino por natureza e, com firmeza, serves seu dono.

Frei Pedro Scheibel, OFM
(BdeC — Ano XXXII — Janeiro-Fevereiro-Março — N° 1 — 1997, p. 56).

VOCAÇÃO (SONETO)

É como uma íntegra, pequena semente
Lançada ao solo de fértil cultivo
Aí germina e cresce somente
Quando seu potencial gera motivo,

Dado o clima e os diversos agentes,
Umidade, calor e demais unidades,
Como humos, adubos e os condizentes
Que dão força às suas qualidades.

Assim, a vocação é graça divina.
Nasce e multiplica-se em talentos
Onde a graça, à luz da fé, ensina a

Perdoar sempre, a abençoar com as mãos,
Louvar e agradecer todos os momentos da vida,
Servindo a Deus e aos irmãos.

Porto Alegre, 18.07.1997

Frei Pedro Scheibel, OFM

(BdeC — Ano XXXII — Julho-Agosto-Setembro — Nº 3 — 1997, p. 150)

MÍRIAM, A BELA MENINA (SONETO)

Um belo dia nasceu uma israelita, única em graça e beleza,
No real berço da casa do distinto casal Ana e Joaquim
Por divina inspiração, lhe deram o nome de Maria; em realeza
Ao Anjo lhe disse: Ave, cheia de graça! Eis, faça-se em mim...

Sua prima Isabel bendisse, em visita, a futura mãe do Messias,
O esperado mediador da antiga, a nova e eterna Aliança.
Foi isso que fez a virgem cantar o Magnificat em profecias.
E o Simeão prorromper, maravilhado, ao ver tão esperada criança.

Da virgem tomou-a em seus braços e, por inspiração divina,
Previu o resgate de todos os povos e nações; num oráculo,
Os abençoou comovente. E prosseguiram sua jornada peregrina.

Maria, presença ativa, em pessoa ou espírito, em Jerusalém
E Nazaré, Belém e no Egito, Caná, Calvário e no Cenáculo,
Junto às fontes, mãe de todas as gentes aqui e no eterno além...

Porto Alegre, 31.08.1997

Frei Pedro Scheibel, OFM

(BdeC—Ano XXXII—Outubro-Novembro-Dezembro—Nº 4—1997, p. 224).

O ARCHOTE ADORMECIDO



No final do século passado, início do nosso, brilhava grande estrela missionária no horizonte de Holanda, país maravilhoso dos moinhos de vento, dos diques, das pontes sobre os canais, jardim da Europa em matéria de flores.

Deste celeiro saíram levas de franciscanos destinados às missões de países orientais. Um de tais grupos veio em direção ao ocidente, à América Latina. Fixou-se, em berço esplêndido, na terra brasileira, no ano de 1899 mais precisamente, em Manaus e Niterói.

Trouxe consigo, qual tocha olímpica, a missão de evangelizar o povo brasileiro. Devagar, implantaram-se na cidade mineira de Ouro Preto. Já em 1924, instalaram o seminário, para cultivar vocações, em São João Del Rey. Em 1926, transferiram-no para o Oeste mineiro colocando-o precisamente em Divinópolis.

No início da década de 1930, junto aos missionários causou geral euforia, bem como entre os estudantes sulinos e mineiros, a viagem, verdadeira aventura, um novo mundo à vista, para os pampas. Alunos e mestres apartaram em Taquari, levando a chama ardente da missão de difundir a palavra de Deus com vigor e rigor, formando novos atletas de Cristo junto às margens plácidas do rio acolhedor.

Neste estabelecimento, mestres e alunos cresceram no amplo e sólido seminário e compartilhavam permanentemente a vida cristã e franciscana. Não havia dicotomia entre a escola e a vida. A escola era a vida do seminarista durante as 24 horas do dia. A formação abrangia todos os aspectos do desenvolvimento humano. Cada passo era precedido de um voltar-se, primeiro a Deus através da oração: do primeiro ao último

momento do dia, tudo era feito em nome daquele que a tudo conferia significado.

O facho luminoso ardeu vigorosamente durante 70 anos. Experimentou o apogeu, em número de alunos, nas décadas de 50 e 60. Conseguiu celebrar a bodas de ouro na década de 80.

A maioria dos seminaristas foi percorrer caminhos diferentes. Alguns poucos perseveraram, e hoje dão continuidade à obra dos antigos mestres para formar eficientes atletas de Cristo.

Mesmo sendo muitos candidatos, todos tinham chances de desenvolver os talentos em alguma especialização ou em algo em que se destacasse: coro, orquestra, teatro, esporte, trabalhos manuais. Na escola havia todas as matérias exigidas no currículo escolar do 10 e 20 graus da época. Dentro das matérias, estudavam-se línguas: Português, Espanhol, Italiano, Alemão, Francês Inglês, Grego e Latim.

Desde o início, deu-se especial atenção à formação literária e artística. Durante dos 70 anos de sua existência, conheceu tempos gloriosos no que se refere a tais atividades.

Os cânticos da missa e da bênção eucarística eram executados em canto gregoriano, o canto genuíno da Igreja que os franciscanos holandeses para cá trouxeram. Tal canto era ministrado, com muita paciência, aos seminaristas a cujos ouvidos soava, a princípio, tão estranho. Depois, foi sendo apreciado não só dentro do seminário como também fora de sus murros. Não faltaram convites de párocos, amigos dos franciscanos, para os seminaristas cantarem em suas paróquias e comunidades.

No seminário havia missa cantada e bênção do Santíssimo aos domingos, nas grandes festas, como Páscoa, Pentecostes, Festa dos Pais, São Francisco. Cantava-se em gregoriano, portanto, em latim. Nas festas maiores, o coral executava missa polifônica, quase sempre a quatro vozes.

Também na festa do Reitor e dos jubileares havia missa solene pela manhã; à noite, apresentava-se o coral, entre um e outro ato das peças teatrais, com cantos extralitúrgicos, hinos, com versos compostos para a ocasião, às vezes, usando a melodia tirada de algum canto holandês. Assim, a hora de arte e o teatro constituíam-se nos momentos culminantes da festa. Artistas e atores podiam assim curtir, durante alguns dias, saudáveis momentos de glória, compensando as intermináveis horas de ensaio. O coral, a orquestra de cordas e a banda foram facetas que completaram os estudos de muitos frades e ex-alunos.

Na Semana da Pátria, culminando com marcha cívica de Sete de Setembro e nos desfiles como da Festa da Laranja ou dia do Município, os seminaristas sempre abiscoitaram os primeiros lugares.

No decorrer do ano, aconteciam visitas de amigos dos freis, autoridades eclesiásticas e civis, políticos e benfeitores. Afluíam muitos taquarienses para assistir às solenidades nos grandes eventos.

Também nas modalidades esportivas como futebol, basquete, voleibol, atletismo, competições promovidas pela Secretaria de Educação e Cultura no Campeonato Escolar Gaúcho, o seminário competia para valer.

Todos queriam jogar na seleção, claro, mas deve-se praticar o esporte e a educação física porque moldam o corpo e o espírito do jovem.

Um dia onde fervilharam jovens e afluíam visitantes, formadores, professores, tudo de repente silenciou. Não mais se ouviam os gritos joviais dos estudantes, os risos, os aplausos nos espetáculos, os memoráveis grenais, nem o canto litúrgico nem a campanha dos horários nem o sino da capela; tudo silenciou...

Os soldados de Cristo foram-se difundindo pelo universo afora, deixando o monumento solitário, hirto, estático como mausoléu que marca momento histórico. Espera pelo desfecho de novo evento, com seu archote adormecido, na esperança de, um dia, ser reativado em vigor novo e, assim, arder como nos tempos idos, de maneira diferente talvez, porém, com o mesmo sonho de sempre: formar adeptos de Cristo, prontos para divulgar seu Reino. Como?

Vão algumas dicas: Universidade, Biblioteca de centro de pesquisas, academia para treinos esportivos e ginástica, balet, parque de lazer, esporte aquáticos, corridas de lancha, jetz sky, centro de trabalhos eletrônicos, trabalhos manuais e artesanais, cursos de corte e costura para alfaiates, sapateiros. O leque de possibilidade para despertar o gigante fica em aberto. Será que desperta? Ou adormece para sempre, como as pirâmides do Egito, ao lado da Esfinge?!

Frei Pedro Scheibel OFM

(BdeC — Ano XXXIII — Julho-Agosto-Setembro — N° 3 — 1998. p. 144-146).

ECOLOGIA

Ao concluir a sua obra da criação, com todas as suas criaturas,
Deus contemplou toda a sua obra, viu que tudo era bom, cada unidade
Está integrada por inteiro na criação, dela somos parte. Segundo as Escrituras,
O Senhor confiou-nos a missão de guardar e cultivar a terra, em continuidade

Da obra e das coisas, com prosperidade, usufruindo dos frutos e a energia.
Sempre vigilantes ante a preservação das espécies e da sobrevivência.
Como à dos animais, das aves, das plantas, das águas e da metalurgia.
Ao multiplicarem-se ou serem transformados no seu tempo, segundo a ciência.

Cada elemento possui sua origem oculta, onde emerge a energia, que nela encerra.
A do solo e da água, do frio e do ar, do sol e da lua, do fogo e do fermento.
Deles tudo cresce em veras harmonias, os seres vivos e as plantas da terra.

Assim como Deus, no princípio, viu sua obra,
Francisco via o universo com os olhos da gente.
Onde os benefícios e seus feitos eram comuns a todos,
no seu dinamismo e empreendimento.

Hoje, apesar da tecnologia,
prevalece o desafio de preservarmos o meio ambiente.

*Frei Pedro Scheibel, OFM
(BdeC — Ano XXXIII — 1998).*

O autor do soneto que segue, muito ligado no tempo da enfermidade, acompanhando-o até o último suspiro, observou que Frei Roque Ruschel, OFM, debatia-se, como a querer despojar-se da roupa, do relógio, dos óculos, do rádio. Imaginou-o como se quisesse desvencilhar-se de laços que ainda o estariam amarrando aos bens terrenos para entregar-se, livre, a seu Criador. E escreveu:

POR SINAIS
(SONETO)

Fr. Roque parecia dizer: Deixo as coisas materiais.
Despeço-me de todos. Em breve irei para eternidade.
Em oferta, levarei os talentos e obras espirituais.
Os espólios partilhai-os juntos, em Fraternidade.

Afora, nada comigo poderei levar junto
Senão o bem semeado em cada espirito e alma,
Os bons cultivos de vida Religiosa e Sacerdócio unto
Em momentos de impetuosidade ou em clima de calma.

Em fim, vos rendo graças, ó Pai, por haver nascido,
Pelo Batismo, confirmado na fé, pelos Sacramentos,
Graças e dons recebidos em espirito fortalecido.

Vos louvo pelos pais, familiares e “netos” queridos,
Paroquianos, entes e confrades, saís acolhimentos,
Sereis recebidos pelo Senhor junto aos preferidos...

21.10.1998

Frei Pedro Scheibel, OFM

(BdeC — Ano XXXIV — Janeiro-Fevereiro-Março — N° 1 — 1999, p. 47).

É MARAVILHOSO

Olhar, com reverência, o esplendor do universo e seu encanto,
Na magia da luz, sua arte, harmonia e grandeza,
Ouvir o soar melodioso ou o fragor de cascatas e o canto
Das aves nas matas, no amanhecer de infinita beleza.

Enquanto virtuosos cultivam piedade, clareza e coerência,
Os mais humildes não buscam o fascínio falaz da vaidade.
Os talentos nos alentam a uma vida de paz na vivência
E os solícitos nos felicitam, em natalícios, a longevidade.

Assim as plantas matizam paisagens em múltiplas cores.
Os animais servem-se de alimento nas pastagens,
Embelezam campos, junto a folhagens, frutos e flores.

Todo desvelo emerge de um ser, Espírito divino,
Que nos une na fé pela graça de suas mensagens.
E damos graças com cânticos de louvor e de hino.

Frei Pedro Schetbel, OFM
(BdeC — Ano XXXIV — Julho-Agosto-Setembro — N° 3 — 1999, p. 174).

A ORAÇÃO

(Homenagem a Frei Udo Fabeck, OFM.)

Rezar com o Espírito Divino, que nos move a mente,
Inspira harmonia e guia o pensamento ao coração.
Faz-nos hospitaleiros para com todos, dignamente,
E agradecidos a Deus em nosso bendizer e adoração.

Por fazermos parte de sua criação, como suas criaturas
E solicitamos a viver numa mesma comunhão fraterna
Em proposta a ser vivida à luz das Sagradas Escrituras,
No cultivo do Dom e da graça, que desvelam vida eterna.

Para evoluir nessa efetiva crescente formação
Somos desafiados a ouvir a sagrada Palavra de Deus
Numa busca generosa, na perscruta e contemplação,

Vigorá-la na prática de serviços numa fiel atuação
Como Jesus ensinou ao rezar o Pai-Nosso aos amados seus
E revelou sua filial ligação aos irmãos de fé, na oração.

Frei Pedro Scheibel, OFM

(BdeC — Ano XXXIV — Outubro-Novembro — Nº 4 — 1999, p. 195).

FRANCISCLARA (SONETO)

O jovem Francisco, nascido de uma família nobre,
Desde cedo, despojou-se da nobre herança e riqueza.
A jovem Clara, também nascida na nobreza, vive pobre,
Humilde e virgem, na firme coragem e franqueza.

A princípio, cada um seguira seu próprio caminho.
Francisco, qual cavaleiro nobre, e seus companheiros.
Além da faina diária, Clara ocupava-se em fiar linho.
Ambos ouviram o apelo divino, que os fez mensageiros.

Durante o percurso da vida juvenil, nos momentos
De dúvida, Francisco e Clara, às vezes, se visitavam.
Em colóquio, clareavam suas ideias, virtudes e talentos.

Assumiram viver em pobreza e ser fiéis a Jesus Cristo.
Como penitentes e mensageiros da paz, se orientavam.
Nos evangelhos que pregavam, decididos a viver isto...

Frei Pedro Scheibel, OFM
(*BdeC — Ano XXXIV — Dezembro — N° 5 — 1999, p. 262*).

BÍBLIA SAGRADA (SONETO)

É a Palavra de Deus, fonte e luz da divina inspiração.
No começo, o Senhor revelou-se aos patriarcas e eleitos
A Moisés, que caminhou com o povo no Êxodo, em peregrinação,
Pactuados numa aliança e desígnios de paz com os preceitos.

A lei e os mandamentos de Deus revelam o grande amor
De Deus, e o ensejo de deixar o povo sempre feliz como convinha.
Ele intervinha através do guia pra alentar seu povo em clamor,
Ainda antes de enviar seu Filho Unigênito do Pai à vinha

Dele prescreveu-se nas Escrituras, nos Salmos e nas Profecias
Até que a Virgem Maria deu à luz o menino, onde a esperança
Vigorou em Simeão e em João Batista, que viram Nele o Messias.

E isso foi confirmado pelo Espírito de Deus em Jesus Cristo
Em outros tempos e na missão Redentora da Nova e Eterna Aliança
Seu Paráclito se moverá sempre unido à humanidade nele previsto.

Frei Pedro Scheibel, OFM
(BdeC — Ano XXXV — Abril-Maio-Junho — N° 2 — 2000, p. 104).

“ESPERANÇAS E ALEGRIAS MESSIÂNICAS”



O anjo do Senhor anunciou a Maria:

Na anunciação do nascimento de Jesus: Entrando o anjo disse-lhe: “Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo”. “Não temas Maria, pois encontraste graça diante de Deus. Eis que concebera e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. Ele será grande e chamar-se-á filho do Altíssimo e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi, e reinará eternamente na casa de Jacó, e seu reino não terá fim”. Então disse Maria: “Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (Mt 1,28.30.32.38).

Na visita de Maria à prima Isabel: Naqueles dias Maria se levantou e foi às pressas às montanhas, a uma cidade de Judá. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Ora, apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança estremeceu no seu seio; e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. E exclamou em alta voz: “Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre. Donde me vem esta honra de vir a mim a mãe do meu Senhor? Pois assim que ecoou em meus ouvidos a voz de tua saudação, a criança estremeceu de alegria em meu seio. Bem-aventurada és tu que creste, pois se hão de cumprir as coisas que da parte do Senhor te foram ditas!” E Maria disse: “Minha alma glorifica o Senhor e meu espírito exulta de alegria em Deus meu Salvador, porque olhou para sua pobre serva”.

No nascimento de Jesus Cristo: Ao completaram-se os dias, Maria deu à luz seu filho primogênito e envolvendo-o em faixas, reclinou-o num presépio. Na noite do nascimento de Cristo, havia nos arredores uns pastores que vigiavam e velavam o seu rebanho nos campos durante as

vigílias da noite. Um anjo do Senhor apareceu-lhes e a glória do Senhor refulgiu ao redor deles, e tiveram grande temor. O anjo disse-lhes: “Não temais, eis que vos anuncio uma boa nova que será de alegria para todo o povo: Nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo Senhor, na cidade de Davi. Isto vos servirá de sinal: Encontrareis o recém-nascido envolto em faixas e posto numa manjedoura”. E imediatamente ao anjo se achegou uma multidão do exército celeste que louvava a Deus dizendo: “Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por Ele amados”. Os pastores foram com grande pressa e acharam Maria e José, e o menino deitado na manjedoura. Vendo-o, contaram o que lhes havia dito a respeito desse menino. Todos os que ouviam maravilhavam-se das coisas que lhes contavam os pastores. Maria conservava todas essas palavras, meditando-as no seu coração. Voltaram os pastores, glorificando e louvando a Deus, por tudo o que tinham ouvido e visto, e que estava de acordo com o que lhes fora dito.

Na adoração dos magos: Eis que magos vieram do Oriente a Jerusalém. Perguntaram eles: “Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e vimos adorá-lo”. “Ide e informai-vos bem a respeito do menino”. Tendo eles ouvido as palavras do rei, partiram. E eis que a estrela, que tinham visto no Oriente, os foi precedendo até chegar sobre o lugar onde estava o menino e ali parou. A aparição daquela estrela os encheu de profunda alegria. Entrando no presépio, acharam o menino com Maria, sua mãe. Prostraram-se diante dele, o adoraram. Depois, abrindo seus tesouros, ofereceram-lhe como presentes: ouro, incenso e mirra.

Na apresentação de Jesus no templo: Ora, havia em Jerusalém um homem chamado Simeão. Este homem justo e piedoso, esperava a consolação de Israel e o Espírito Santo estava nele. Fora-lhe revelado pelo Espírito Santo que não morreria sem primeiro ver o Cristo, o Senhor. Impelido pelo Espírito Santo foi ao templo. E tendo os pais apresentado a respeito dele os preceitos da lei, tomou-o em seus braços e louvou a Deus nesses termos: “Agora, Senhor, deixai o vosso servo ir em paz, segundo a vossa palavra. Porque os meus olhos viram a vossa Salvação que preparastes diante de todos os povos, como luz para iluminar as nações, e para a glória de vosso povo de Israel”. Seu pai e sua mãe estavam maravilhados das coisas que dele se diziam.

Havia também uma profetiza chamada Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser, era de idade avançada. Aos oitenta e quatro anos não se apartava do templo, servindo a Deus noite

e dia em jejuns e orações. Chegando ela à mesma hora, louvava a Deus e falava de Jesus a todos aqueles que em Jerusalém esperavam a libertação.

O menino crescia e se fortalecia, cheio de sabedoria, e a graça de Deus estava com ele. Que o Natal do Novo Milênio nos leve ao ardor e a alegria de um arraiar de sol nascente.

Frei Pedro Scheibel, OFM

(BdeC — Ano XXXV — Outubro-Novembro-Dezembro — Nº 4 — 2000, p. 227-228).

CINCOENTA ANOS DE CAMPEIRO
(ACRÓSTICO)

Foi em terras de Minas que Frei Ernesto ensaiou os primeiros
Rodeios apostólicos. Aprendeu a laçar. Batizou crianças.
E nos mesmos legendários pagos mineiros,
Igualmente, em matrimônio, atou laços esponsais com alianças.

E mais tarde, de volta aos pampas, sua terra brejeira,
Recordações mil, em palavras, lhe foram dirigidas
Novo tropeiro chegando, abriu-se a porteira
Em estâncias e estâncias a serem atingidas.

Somou anos em Cortado, terra hospitaleira
Tempo e paciência instalaram a oficina, promoveu
O povo da paróquia e sua tia Clara, a cozinheira.

Organizou horário para administrar os sacramentos,
Fazendo motivar o povo que sempre o acolheu,
Mas, sobretudo a si, em serviços dos grandes momentos.

Porto Alegre, 7.03 1998.
Frei Pedro Seheibel, OFM
(*BdeC — Ano XXXVI — Abril-Maio-Junho — N° 2 — 2001, p. 51*).

FONTES CLAREANAS



As fontes hagiográficas mostram com evidência que Jesus Cristo está no centro da espiritualidade de Clara de Assis. Essa experiência se desenvolve já na casa paterna e se intensifica na Vida Penitente. Jesus Cristo está na origem de Clara. A voz profética que se dirige a mãe Hortolana, vem do crucifixo. Igualmente na origem da vocação evangélica de Clara, enraizada no próprio batismo. Já na família, “revestia-se de Cristo”.

O momento forte da vida de Clara, chamado de “conversão”, é centralizado em Jesus Cristo que aparece como Esposo, que chama e atrai aquele que por amor se encarnou entre nós.

1° A experiência Cristológica de Clara está inserida no contexto de sua época e no movimento franciscano, que desenvolvem uma espiritualidade voltada para Jesus Cristo pobre e crucificado. Mas, Clara introduz características próprias na sua maneira de ver Jesus Cristo e de relacionar-se com Ele.

2° Para Clara, Cristo é o mediador, o Caminho. Ela escolhe andar por este Caminho para chegar no Deus que a criou. Ela tem presente todo o mistério da Encarnação de Jesus Cristo, desde o presépio até a glória. O centro e a síntese deste mistério é a Cruz.

3° A relação de Clara com Jesus Cristo possui várias dimensões que se entrelaçam e se completam e, são expressas, especialmente, com quatro verbos: amar, seguir, servir, transformar-se.

É uma relação esponsal, uma experiência amorosa, apaixonada, envolvente. Clara se coloca inteira nesta relação. Ela ama Jesus Cristo, com todo o seu ser de mulher: com a alma, a mente, o coração e, também, com os sentidos. A dimensão esponsal confere leveza e jovialidade à experiên-

cia de Clara, mesmo estando centrada no mistério da Cruz.

É uma relação de seguimento. Clara escolhe seguir Jesus Cristo pelos caminhos da mais radical pobreza. Sua luta para ser fiel a pobreza mostra que este aspecto, para Clara, era essencial a sequela de Cristo.

É uma relação de serviço a Cristo que se desdobra e se expressa no serviço fraterno/sororal. Clara se faz serva e “Menor”, por amor a Cristo.

É uma relação transformante. Clara vai se identificando, se conformando com Jesus Cristo, na medida em que segue suas pegadas, em que participa do mistério da kênosis e do serviço. Despojou-se e se fez serva de Cristo e de suas irmãs (LSC 12). Assumiu o governo da comunidade, mas o exerceu de fato, como serviço. Não dava ordens, não recusava nenhum trabalho, lavava os pés das irmãs e os beijava, cuidava ela mesma da higiene das doentes.

4º Eucaristia, Crucifixo e Palavra de Deus, “que se destaca na experiência orante e sacramental de Clara, estão inseridos na dinâmica do seguimento. Não são simples “objetos de devoção”.

O Sacramento do Altar é, antes de tudo, pão que alimenta os que seguem Jesus Cristo, é memorial de todo o mistério da Encarnação.

A Cruz é a grande síntese do mistério da Encarnação. A participação à Cruz de Cristo é exigência do discipulado.

A Palavra de Deus é mediação de presença viva de Cristo no meio de nós. É também “pão” que alimenta o discípulo como Eucaristia.

5º A dimensão apostólica, essencial ao seguimento de Jesus Cristo, não está ausente da vida de Clara, como pode aparecer a primeira vista. O anúncio é feito com o testemunho de vida, mais do que com palavras. A opção de Clara e a maneira como viveu o seguimento de Jesus Cristo, dentro do contexto social e eclesial da época, transformaram-se em mensagem profética para a Igreja e para o mundo.

6º Jesus Cristo é também a meta de Clara. Ela corre em sua direção com fé e confiança, sem se deter diante de nenhum obstáculo. Ela anseia pelo encontro definitivo com o Amado, a quem dedicou toda a sua vida. Na corrida de Clara para Cristo, seu Esposo, encontramos a aliança e o feminino em três eixos na dimensão contemplativa:

“A bem-aventurada pobreza”: que aqueles que a amam e abraçam, Deus concede as riquezas eternas.

“A santa pobreza”: aos que a têm e desejam, Deus prometeu o Reino e são concedidas, sem dúvida alguma, a glória eterna e a vida feliz!

“A piedosa pobreza”: que o Senhor Jesus Cristo se dignou abraçar acima de tudo, Ele que regia e rege o céu e a terra, Ele que disse e tudo foi feito!

7º Contemplar é ter “entranhas de misericórdia”. É estar inserido com o envolvimento do coração. No seguimento de Cristo é necessário envolver-se de coração e doação. Contemplar é o olhar de Deus. É abrir-se ao Espírito de Deus. A contemplação de Clara se convergia e tinha como pista e ótica três palavras chaves, resumidas num dito magistral: “Olhe, Considere e Contemple”. “Age quod agis” é incluído numa exortação a correr atrás do esposo, o Cristo. Sem perder de vista seu ponto de partida, conserve o que você tem, faça o que está fazendo e não o deixe; mas em rápida corrida, com passo firme, confiante e alegre, avance com cuidado pelo caminho da bem-aventurança.

Enfim, “também nós, com tal nuvem de testemunhas ao nosso redor, corramos com perseverança para o certame que nos é proposto, com os olhos fixos naquele que é o autor e consumidor da nossa fé, Jesus” (Hb 12,1). Como na verdade Jesus disse: “Se alguém me ama, guarda minha palavra, o Pai o amará e viremos e nele faremos morada” (Jo 14,23). “A palavra que ouvís não é minha, mas do Pai que me enviou” (Jo 14,24).

Frei Pedro Scheibel, OFM

(BdeC — Ano XXXVI — Outubro-Novembro-Dezembro — Nº 4 — 2001, p. 187-189).

ECOS DOS JUBILEUS

Uma Homenagem Jubilar Cinquentenária ao Frei Romano Zago:



Ao espelhamos a pessoa de confrade no seu ao jubilar de Bodas de Ouro, recordamos no passado de sua vida consagrada de Frade Menor, algumas de suas diversas atividades com muita alegria, traduzo-as como memória os anos de professor no Seminário Seráfico, Secretário quando Dom Cardeal Aloísio Lorscheider era bispo em Santo Ângelo, Mestre de Clérigos, Vigário Paroquial e Missionário, outra vez Mestre de Clérigos num dos Conventos na Terra Santa.

Mas o que queria lembrar mesmo era aquela fórmula milagrosa que caiu pelas mangas do nosso confrade Frei Amo Reckziegel nas mãos do Frei Romano Zago, e ele maravilhado com essa fórmula revolucionou e continua revolucionando os novos tempos a medicina alternativa com seus temperos que sacudiu nas bases da medicina químicas moderna consumista e alopática. Pois, essa fórmula milagrosa apenas compõe-se de três ingredientes básicos e mais a Fé para produzir seus possíveis efeitos maravilhosos de cura, que são as seguintes: Aloés, Caninha Pura e Mel Silvestre.

Nisso na sua peregrinação de Pastoral e Evangelização, não somente levava consigo a mensagem da Boa Nova de Cristo e a Cura da Alma e do Espírito, mas também a Cura das enfermidades do corpo (para) ou para manter a saúde do corpo, Cristo também fazia suas curas milagrosas, por isso tem sua grande importância a medicina alternativa que também atinge os mais empobrecidos.

Por isso, sua divulgação espalhou-se rapidamente aos quatro pontos cardeais no nosso planeta Terra. Primeiro difundiu-se em nosso continente

e depois atravessou o Oceano nas asas fibrosas e do vento, após transpor-se nos muros do Vaticano, difundiu-se no continente Europeu e para os mais achegados a medicina alternativa, maravilhados pelos seus efeitos milagrosos na fórmula e seus conteúdos e a acolheram como boa notícia.

E assim, Aloés e seus ingredientes revolucionários e recursos reforçados, retomou sua rota numa velocidade crescente em direção ao Ocidente, fazendo voltas, ao atravessar a antiga Grécia teve espanto, que quase atingiu a esfinge Egípcia por uma guinada, se as “múmias falassem”. A medicina alternativa também teve repercussão nas terras Palestinas fazendo maravilhosas curas em pacientes de boa Fé e sua velocidade na trajetória parecia dizer-nos da sua volta as terras de sua origem.

Deus seja louvado, o dom de sua vida, Parabéns E que Deus Te abençoe sempre em toda parte.

Te agradecemos por tudo, e pela sua pessoa de confrade.

Tanti auguri.

Frei Pedro Scheibel, OFM

Assentamento Capela — 12.10.2002 Fraternidade "Filhos da Mãe Terra"

(BdeC — Ano XXXVII — Outubro-Novembro-Dezembro — N° 4 — 2002, p. 198-199).

ALEGRIAS E AGRURAS DA ALMA



Bendito sena Deus, de infinita benevolência e misericórdia para com todas as criaturas! Desde jovem, Alma, aprendeste, com a mãe, a mansuetude. nos anos quando cuidavas de sua enfermidade, antes de falecer, vítima de sua grave doença.

Graças ao Senhor, paciência e mansuetude, depositadas na pessoa de Alma, envolviam-na em coragem diante de todo e qualquer perigo, mesmo da morte.

Outra vez foste provada, na fé, pela dor, no falecimento do pai. anos depois, quando a mãe, já falecida, tu estavas sozinha em casa com o pai, no dia fatal.

Mais urna vez, te confrontaste com a morte, dessa vez com a perda do irmão, diante da sanha de um touro, antes manso. No perigo, tentaste socorrer o irmão Osmar, mas foste também atingida pelo mesmo, sendo jogada para o alto. Por pouco não te custou a vida, como a do irmão que foi colhido da terra. e partira para a pátria celeste junto ao seu tesouro amado.

Alma, sei o quanto sofreste, na paciência e mansuetude silenciosas. nos quatorze dias de UTI à espera da cirurgia. Cinco dias, coroadas de colete, causaram-te seis feridas, após a remoção, formando crostas pelos parafusos cravados em cinco pontos no crânio e chapinhas de platina apertadas em quatro pontos na cabeça, para manter firme o pescoço ao tronco.

Graças ao Senhor, pelo atendimento médico nos cinquenta *dias* nos hospitais de Estrela, Porto Alegre, Novo Hamburgo!

Graças ao Senhor, pela equipe médica que realizou a melindrosa

cirurgia na paciente dona Alma, que sempre acreditou no Senhor, esperando a cura através dos médicos e das preces dos entes queridos.

Por tudo isso, dona Alma, graças ao Senhor, pois que te cumulou de forças e coragem, agradecendo por tudo o quanto faziam em teu favor, desde os médicos e os enfermeiros, até os que te visitaram de perto ou de longe, companheiros de quarto ou de quarto vizinho.

Por fim, graças ao Senhor por todos os que manifestaram, de unia ou de outra maneira, seu carinho pelo nome ou apelido: Como vai, a Alma, Dona Alma, Meu Anjo, Santinha. Vovozinha, Titia? Como vai a Princesa?

E dona Alma sorria, agradecida, acreditando sempre naquele que tem o poder de curar.

Obrigado aos familiares. parentes. amigos e visitas. Que Deus os abençoe sempre!

Frei Pedro Scheibel. OFM

A MENSAGEM DAS FLORES

Quando contemplamos vastos campos floridos
Logo sentimos fragrâncias diversas, vigorosas.
Em seus fluidos atraentes e destaques coloridos
Na simplicidade harmonizam e se doam generosas.

Ante os olhos humanos admiramos suas belezas
Espalham perfumes harmoniosos e formam unidade
Aromas e matizes revelam valiosas riquezas,
Em substancioso alimento, de refinada qualidade.

Parecem sinais de convite às criaturas, como o divino
Amor nos convida a seguir o exemplo e mensagem,
De Cristo que viveu humilde, como peregrino.

Quem praticou a palavra de Deus, numa paz terna.
E anunciou-a a todos, com amor, fé e coragem,
A possa viver na promessa, e ter a vida eterna.

Frei Pedro Scheibel, OFM
(*BdeC — Ano XXXIX — Julho-Agosto-Setembro — N° 3 — 2004, p. 50*).

TRINDADE E UNIDADE DE DEUS



Quando Deus criou o céu e a terra, estavam presentes “a sabedoria, a palavra”...

“A terra, porém, estava informe e vazia e as trevas cobriam a face do abismo, e o espírito de Deus movia-se sobre as águas” (Gn 1,1-2).

Pela palavra, Deus disse: “Faça-se a Luz!” E a luz se fez...

Na anunciação do Anjo a Maria: “Faça-se em mim segundo a tua palavra”.

Jesus, na agonia no horto das Oliveiras: “Pai, se tu queres, afasta de mim este cálice, contudo não se ‘faça’ minha vontade, mas a tua”.

No Pai-nosso, rezamos: “Seja feita” vossa vontade.

“O sopro divino continua movendo as águas e o universo”. Quando a palavra de Deus se fez carne e viveu entre os seus, e seus ensinamentos nos revelaram o grande amor de Deus pela humanidade inteira e nossa filiação adotiva, em seu Filho Unigênito, que morreu na cruz pelos seus e por todos nós, e ressuscitou, terminando sua missão na terra, voltou aos céus, assentou-se à direita de Deus Pai, e Deus pai enviou aos corações de seus escolhidos e amados o Espírito de seu Filho que clama: “Abbá, Pai”. Assim, clamamos. “Abbá, Pai”. (Rom 8,15).

E como filhos adotivos de Deus, Deus pai escolhe seus amados em seu Filho unigênito e herdeiro, o qual “promove” seus ensinamentos pelo Espírito Santo, que “move” a Boa Nova da palavra de Deus junto à Igreja, entre os povos, em todo universo.

A palavra de Deus é o manancial da vida que continua “gerando” novos filhos da luz, toda vez quando, na graça de Deus, forem batizados novos filhos na graça: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Como águas nascentes no alto da montanha, que seguem seu curso até chegarem junto ao Oceano, e no seu percurso todos os seres vivos as usufruem, saciando-se nas correntes, junto às ervas, do mesmo modo as entranhas da terra estão grávidas de forças divinas que se movem e se revelam, gerando novas vidas sobre a face da terra em exuberâncias.

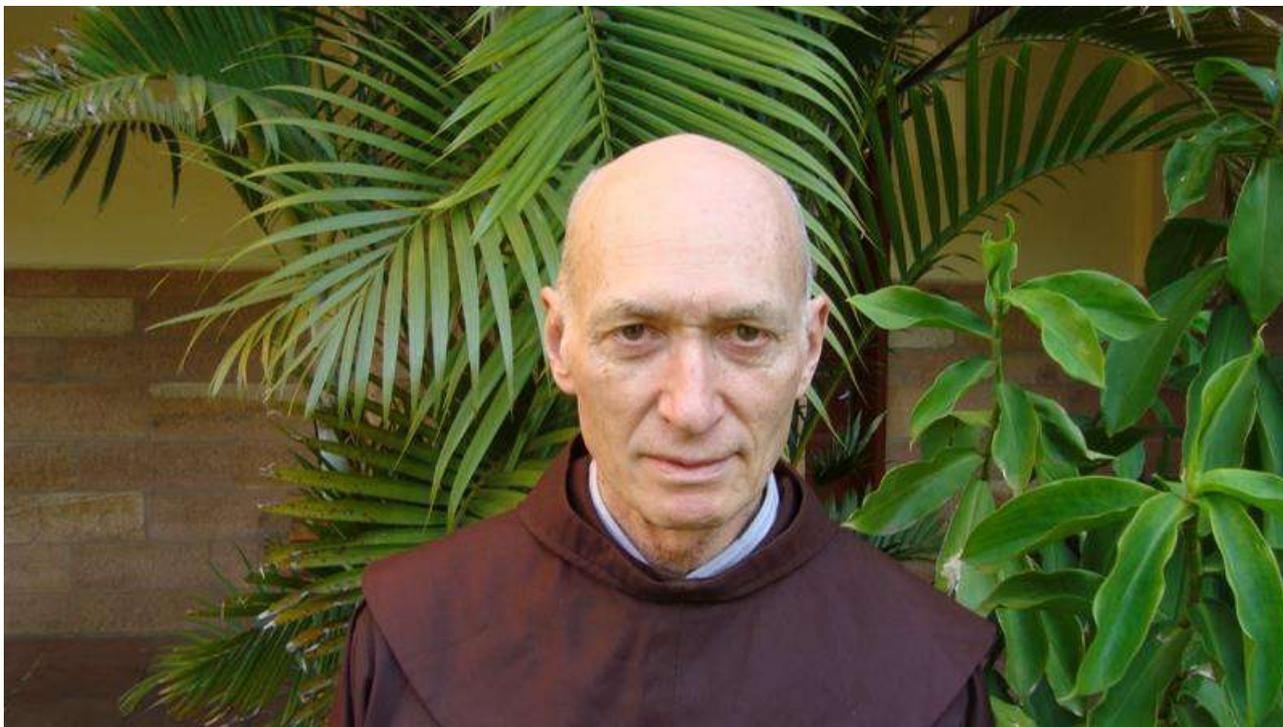
A terra, na sua gravidez, “faz” germinar as sementes em sua umidade, as quais, com “água e calor solar”, fazem crescer as plantas. Os ventos e o ar purificam e fortalecem as plantas em seu porte.

Como torrentes que transbordam sobre a relva e aguaceiros a cair por sobre as plantas, que vossa sabedoria se derrame como a chuva no estio. E que vossa palavra se espalhe como o orvalho em serenas noites, a fim de que vossa força nos “faça” ver, escutar e agir, no tempo oportuno.

A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós. (2Cor 13,13). Ó Senhor nosso Deus, como é grande vosso nome por todo o universo!

Frei Pedro Seheibel, OFM
(BdeC — Ano XXXIX — Abril-Maio-Junho — N° 2 — 2004. p. 38).

Textos Inéditos



Frei Pedrinho Scheibel, OFM (Vilimar Scheibel)
(Jardins do Convento São Boaventura – Imigrante/RS)

PALESTRAS DADAS AO NOTURNO DE 1980



1º Em busca do Amor Eterno: falou-se que, na terra, os homens aprenderam que a paz interior acontece para quem vira o rosto em direção do Sol e não fica preocupado em ver se sua sombra é grande ou pequena.

Mesmo que nossos nomes passem por despercebidos aos olhos da história, mas o filho de Deus os chama de amigos.

2º Vocação de modo geral: a história da moça que se sentou em frente de sua casa esperando passar seu príncipe encantado.

É aquele que perscruta com persistência a um chamado de Deus num ideal, seja ela, religiosa, cristã, profissional, mas que seja ela uma busca constante e fiel, servindo a Deus e ao próximo, para a felicidade de todos e sua própria felicidade.

3º O segredo de São Francisco: O segredo   válido para todas as pessoas, de todas as idades, de todas as espécies, de todas as condições sociais. Francisco, um homem de comunhão total, um homem de convivência simples com tudo e com todos.

– Comunhão consigo mesmo: aceita suas limitações, considera-se pecador, seu corpo nada é em relação à vida que está nele.

– Comunhão com o Universo: Conversa com todas as criaturas, tudo   rosto de Deus, nada   inútil tudo   Dom de Deus,, tudo é amor de Deus.

– Comunhão com o outro: Todo frade é um irmão, uma mãe, um filho, o ladrão   alguém para ser amado, os leprosos são imagem de Cristo, o doente merece todo carinho. Todo irmão merece ser servido, só Deus merece maior amor que as criaturas humanas. Jamais se pode julgar uma pessoa, o amor vence a ira e as discórdias.

– Comunhão com Deus: Deus é Pai, Criador, Altíssimo, o Grande Outro, o outro Indefinível, Incalculável, o Grande Tudo. Deus simplesmente é. Deus é o Tudo, o Grande Outro, o Único desejável do coração humano.

Livro da Legenda Maior e Legenda Menor, sobre a Vida de São Francisco de Assis, escrito por São Boaventura e traduzido pelo Frei Romano Zago, OFM.

Capítulo I: Sua vida no mundo. Vivia na cidade de Assis um homem chamado Francisco, de abençoada memória, a quem Deus em sua bondade e misericórdia antecipara a abundância de sua graça. Salvando-o dos perigos da vida presente e derramando sobre ele os dons de sua graça celestial.

O Senhor incutia em seu coração um sentimento de piedade que o tornava generoso com os pobres. Este sentimento foi crescendo em seu coração e impregnou-o de tanta bondade que ele decidiu, como ouvinte-atento que era do Evangelho, ser generoso com quem lhe pedisse esmola, sobretudo a quem pedisse por amor de Deus.

Capítulo II Conversão definitiva e restauração de três Igrejas. Um dia Francisco estava a meditar, de joelhos diante do Crucificado ao contemplar a cruz rezava. Subitamente, ouviu uma voz que vinha da cruz e lhe falou por Três Vezes: Francisco, vai e restaura a minha casa. Vês que ela está em ruínas. Mas a Igreja a que a visão se referia era aquela que "Cristo resgatara com o próprio sangue" (At 20,28).

As três Igrejas que Francisco restaurou foram: A Igreja de São Damião, Igreja de São Pedro e a Igreja chamada santa Maria dos Anjos em Porciúncula. Depois de restaurar essas três Igrejas, Francisco fundou a Ordem dos Frades Menores por inspiração de Deus e foi Divina Providência que o fez restaurar três igrejas antes de findar a Ordem e começar a pregar o Evangelho.

Capítulo III: Fundação da Ordem e aprovação da Regra. Um dia assistia ele à missa dos Apóstolos devotamente; o evangelho falava da missão dos discípulos que Cristo envia a pregar ensinando-lhes a maneira Evangélica de viver: Não levar ouro nem prata, nem dinheiro no cinto, nem sacola para o caminho nem duas túnicas, nem sapatos, nem bastão. Compreendeu imediatamente o sentido da passagem e, em seu amor pela pobreza apostólica, reteve essas palavras firmemente na memória e, cheio de indizível alegria, exclamou:

“É isso o que desejo ardentemente; é a isso que aspiro com todas as veias da alma”. Em todas as pregações anunciava a paz, saudando o povo no início dos sermões com estas palavras: “O Senhor vos dê a paz”.

“Anunciou a paz, pregou a salvação e, por suas oportunas intervenções reconciliou com a verdadeira paz aqueles que, longe de Cristo, estavam longe da salvação” (Is 52,7). “É a Deus que devemos pedir conselho”.

“Se queres ser perfeito, vai vende tudo o que possuis e dá-o aos pobres” (Mt 19,21).

Frei Pedro Scheibel, OFM

MENSAGEM DE SAGRAÇÃO DE BISPO

Ano 2000, é Novo Milênio, Novo Bispo,
Novo Bispado, Nova Sede Episcopal, tudo é novo...

Numa jubilosa celebração agente
pode-se sentir como se estivesse
no Monte Tabor, e ter a tentação
de São Pedro, e exclamar assim
como ele, é bom estarmos aqui,
façamos nossa tenda aqui para
ficarmos na contemplação com o
Senhor Jesus..

Mas o Senhor faz o convite expresso
de descermos junto ao povo porque
o povo precisa de nós para sentir-se
confortado com o alimento espiritual e
temporal que o Senhor Deus nos oferece...
Assim estamos a serviço do povo
e colaboramos com o plano de Deus
ao irmos à casa do Pai.

Felicitações e congratulações
Cordiais de Frei Pedro Scheibel, OFM.



Frei Pedro Scheibel, OFM
2000

SÃO FRANCISCO E A NATUREZA

Deus na Criação do Mundo...
No princípio Deus criou o Céu e a Terra...

I



A Terra porém, estava informe e vazia, as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava ou movia-se sobre as águas. E Deus disse: Exista a Luz. E a luz existiu. E Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas. Chamou a luz de dia e as trevas, noite.

E assim, Deus criou todas as coisas: a luz, o firmamento, as aves, os animais, os répteis, os peixes do mar, enfim todo ser humano... E Deus viu todas as coisas que tinha feito e criado, viu que eram muito boas e as abençoou...

Depois de muitos séculos da criação do mundo, que já tinha sido habitada pelo próprio Deus encarnado em Jesus Cristo, apareceu no século XII um certo homem “chamado” São Francisco de Assis que tornou-se o “Arauto do grande Rei, o Cristo”.

Por amar o Criador e suas Criaturas, cantava seus louvores ao Criador em cantos e poesias, porque via Deus nas coisas criadas...

Francisco ao descobrir que tudo era Dom e Gratuidade de Deus, que todos éramos criaturas e filhos do mesmo Pai do Céu, fica fascinado com essa descoberta da Gratuidade Divina...

Francisco começa viver em união com o universo e suas criaturas... Compõe o Cântico das Criaturas... Vê as coisas criadas com os olhos de Deus...

II

Conversava com todas as criaturas, tudo era um rosto de Deus, respeitava cada ser, porque todos têm direito de viver;

Tudo era útil para Francisco por si mesmo;

Fez todas as criaturas cantarem;

O universo é a casa de Deus, onde todas as criaturas são irmãs;

Tudo é motivo de louvor a Deus.

Seria pisar a Terra como se pisasse o Céu.

Nada é inútil, tudo é Dom de Deus, tudo é amor de Deus.

Diante dessa grandeza e gratuidade de Deus, Francisco via uma posição só, na qual todas as Criaturas deveriam estar. Ajoelhar-se e Adorar.

Como diz o Salmista no Salmo 50:

O teu Sacrifício a Deus deve ser: Recolhimento, Louvor e Gratidão.

Este é teu Compromisso com o Altíssimo.

Então me invocarás no tempo da angústia,

Eu te libertarei, e tu me honrarás!

Por isso, só Deus merece maior amor que as criaturas humanas.

Para Francisco Deus era o Tudo. O grande Outro. O Único Desejável do Coração Humano.

Do nascimento de São Francisco aos nossos dias passaram-se oito séculos, e grandes fatos foram registrados, descobertos e realizados, e a humanidade esquece... Como a dos astronautas e outras conquistas espaciais... Mas outros fatos não são esquecidos...

III

Francisco via as criaturas com os Olhos de Deus, porque eram boas... Francisco nada fez de extraordinário aos olhos dos homens;

Apenas, levou a sério o Evangelho. E porque levou a sério o Evangelho, ele continua presente no coração dos homens, porque o Evangelho não passa.

Os astronautas já estão quase esquecidos, embora tenham conquistado o território da Lua

Francisco não é esquecido porque conquistou o coração dos homens.

E, São Francisco não é apenas lembrado pelos franciscanos e pelo povo cristão...

Mas também, é admirado por todos os povos do mundo que o conhecem. Como ele entendia que todo o Universo era um sinal da existência de Deus. Francisco foi a voz das Flores, do Vento, do Fogo, da Água, dos Animais e das Plantas, do Sol, da Lua e das Estrelas e até da própria morte, louvando o Grande Rei...

Mas se Francisco voltasse hoje, veria como os homens maltrataram a natureza. A água está poluída, poluída está a atmosfera velando as estrelas, as florestas foram dizimadas...

Tudo é visto pelo lado do consumismo... Em vez de ver Deus como centro da criação, veem o homem como centro da criação;

O que pertence a Deus o homem tomou para si...

Tudo é visto sob o ângulo da produção e consumo, para o enriquecimento e conforto...

IV

São tantos olhos voltados para Assis esperando que Francisco volte ao mundo de hoje. Que ensine aos homens o grande segredo do amor, da fraternidade universal, ensine aos homens a domesticar o "lobo" que existe em cada coração...

Que ensine aos homens que a grande riqueza situa-se num coração cheio de amor;

Que ensine que a vida é bela quando tem como pano de fundo o infinito...

Ele precisa voltar ao nosso mundo, cada vez mais triste, e ensinar o segredo da Perfeita Alegria.

Ele precisa voltar a ensinar a todos a sua Oração:

“Senhor, fazei-me instrumento de vossa Paz, e de vosso Amor, de vossa Verdade, de vossa Esperança...”.

Foi assim que ele compôs o Cântico da natureza, cantando...

“Altíssimo, Onipotente e Bom Senhor, Teus são o louvor, a glória e a honra. E toda a benção... Só a ti Altíssimo, são devidos, e homem algum é digno de ti mencionar”.

São Francisco de Assis é padroeiro da Ecologia, como preservador da Natureza...

Tudo é um milagre de Deus na vida...

Nós devemos ver nos outros que Deus nos Ama, que Ama a todos e que tudo pertence a Deus, por isso, a tudo devemos respeitar...

Frei Pedro Scheibel, OFM
2000

NOVIÇO – NOVICIADO



É o despertar e avigorar o ardor na caminhada no dia-a-dia na contínua busca do amestramento na aprendizagem e na prática, em perscrutar o Espírito Divino que nos leva aos conhecimentos do amor e a misericórdia de Deus. Pondo-nos na dinâmica de discipulado e de discipulando, no Ver, Escutar e Agir. Para entrar nessa dinâmica é preciso esquadriñar-se na fé e sentir a presença de Deus na ação do Espírito Divino como Abraão o sentiu junto ao carvalho de Mambré, quando viu três homens de pé, perto dele e Moisés diante da Sarça ardente (Gen 18,1-10; Ex 3, 1-17; Ex 4,27-31).

Abraão junto ao carvalho de Mambré, quando ele estava sentado à entrada de sua tenda, no maior calor do dia. Levantando os olhos viu três homens de pé perto dele. Assim que os viu, correu ao seu encontro e prostrou-se por terra. E disse: “Meu Senhor, se ganhei tua amizade, peço-te que não prossigas viagem, sem parar junto a mim, teu servo”. “Mandarei trazer um pouco de água para vos lavar os pés e descansareis debaixo da árvore. Farei servir um pouco de pão para refazerdes vossas forças, antes de continuar a viagem. Pois, foi para isso mesmo que vos aproximastes do vosso servo”. Eles responderam: “Faze como disseste”. E assim Abraão o fez.

Após de lhes ter servido pães, coalhada de leite, o bezerro assado e posto tudo diante deles, Abraão porém, permaneceu de pé junto deles, debaixo da árvore enquanto comiam. E eles lhe perguntaram: “Onde está Sara, tua mulher?”. “Está na tenda”. Respondeu ele. E um deles disse: “Voltarei, sem falta, no ano que vem, por este tempo, Sara, tua mulher, já terá um filho” (Gen 18,1-10).

Da mesma forma, quando apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, Sacerdote de Madiã. Na montanha de Deus de Horeb, o Anjo de Iaweh lhe apareceu numa chama de fogo, do meio de uma Sarça. Moisés olhou, e eis que a Sarça ardia no fogo, e a Sarça não se consumia. Então disse Moisés: “Darei uma volta, e verei este fenômeno, estranho porque a Sarça não queima”. Viu Iaweh que ele deu a volta pra ver. E Deus o chamou de maio da Sarça. Disse: “Moisés, Moisés”. Este respondeu: “Eis-me aqui”. Ele disse: “Não te aproximas daqui, tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é uma terra Santa”. Disse mais: “Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, de Isaac e o Deus de Jacó”. Então Moisés cobriu o rosto, porque temia olhar para Deus.

Iaweh disse: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito, Ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores pois Eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-los da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra boa e vasta terra que mana leite e mel”.

Então Deus disse a Moisés: “Vai pois e Eu te enviarei ao faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel”. Então disse Moisés a Deus: “Quem sou eu para ir ao faraó e fazer sair do Egito os filhos de Israel?” Deus disse: “Eu estarei contigo, este será o sinal de que Eu te enviarei: Quando fizeres o povo sair do Egito, vós servireis a Deus nesta Montanha” (Ex 3,1-17).

Depois, o Senhor disse a Aarão: “Vai ao encontro de Moisés no deserto”. Aarão foi e encontrando-se com o irmão na montanha de Deus, beijou-o. Moisés contou a Aarão tudo o que o Senhor lhe havia dito ao incumbi-lo da missão e os sinais que lhe havia mandado fazer. E assim, Moisés e Aarão foram e reuniram todos os anciãos israelitas. Aarão referiu tudo o que o Senhor havia dito a Moisés, e este realizou os sinais à vista do povo. O povo acreditou e, ouvindo que o Senhor se interessava pelos israelitas e estava vendo a aflição deles, prostraram-se em adoração (Ex 4,27-31).

Outrossim, Deus enviou seu filho Jesus Cristo, que por sua vez enviou os seus 12 Apóstolos e os 72 discípulos no seu tempo; e ao subir aos céus confiou sua missão aos seus sucessores como primado o Apóstolo Pedro. E o Senhor Jesus durante dois milênios atuou e enviou, continua enviando seus santos e homens de fé, desde o Papa até o mais humilde dos fiéis, para anunciar os Evangelhos de Cristo até o fim dos tempos.

A missão dos apóstolos e a nossa: Cristo disse: “Todo poder me foi dado no céu e na terra; ide, pois, fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar tudo quando vos mandei”.

“E eis que estou convosco todos os dias até o fim do Mundo” (Mt 28,18-20).

*Frei Pedro Scheibel, OFM
2001*

“ALAS PURGAS” – CRÔNICA



Chamava-se Braulino. Era apelidado de “Alas Purgas” devido ao seu costume. Costumava dizer “Alas Purgas”, tanto quando se encontrava em situações de controvérsias como quando se encontrava diante de um motivo de admiração.

Braulino era uma pessoa simples. Ajudava puxar toros tirados do mato e que eram levados para a serraria e transformados em tábuas e outras madeiras para construção.

Certo dia, Braulino acidentou-se com um desses toros, quando carregavam a carroça. Machucando uma das pernas, ficou aleijado, capenga, para o resto de sua vida.

Após este acidente, Braulino não foi mais muito aceito por seus irmãos de sangue e ser ajudado por eles. Assim, tornou-se um esmoleiro para sua sobrevivência. Foi morar na cidade, onde a Prefeitura construiu uma casinha para ele. Ficou morando sozinho.

Foi nos anos 1960 e 1970 que Braulino vinha diversas vezes por mês pedir esmola no Seminário, já no tempo do ex-Frei Lourenço. Na padaria era o primeiro lugar onde ia ou na cozinha ou na sapataria. Das Irmãs recebia um prato de comida, quando vinha antes do meio-dia, e algumas coisinhas para levar; na saída ele sempre dava seu sorriso e agradecimento.

O Frei Bernardo fornecia alguns pedaços de fumo ou ciganos; às vezes, também pedia algumas moedas para comprar seu litro de querosene para o lampião.

Braulino era uma pobre alma, mas se dizia católico. Um dia o Frei Bernardo perguntou se ele ia à missa aos domingos. Ele, sem saber o que era missa, depois da explicação, falou que uma vez foi na missa, a convite

do vigário da paróquia. Depois, como não foi mais convidado, nunca mais foi... Aí o Frei Bernardo o convidava para vir à missa aos domingos no Seminário. Ele vinha, todo sorridente, porque, em geral, aproveitava também para pedir almoço para este dia, prato de comida, servido pela Irmã da cozinha e que ele degustava, sentado na calçada, em frente à padaria, depois de tanta bondade das pessoas. Ele voltava para sua casa, satisfeito e agradecido. Ao ir embora, dizia para si:

– Alas purgas, que bom! Já estou almoçado para hoje...

Nas primeiras vezes que Braulino vinha à missa aos domingos, parecia um garoto irrequieto aos cuidados do Frei Bernardo. Na missa, sem saber o que fazer, perguntava baixinho ao Frei Bernardo, do seu lado:

– Posso fumar?

– Não! Agora, não; estamos na missa...

Numa ocasião, num destes domingos, ele estava conversando com um grupo de seminaristas, no refeitório grande, antes do meio-dia. Ele, muito eufórico na conversa com os estudantes, vendo aquela estátua grande de São Francisco no nicho, no fundo do refeitório, perguntou aos seminaristas:

– Quem é esse homem que está parado lá no alto da parede?

Pensava que fosse uma pessoa viva. Os estudantes lhe responderam que isso não era uma pessoa, mas uma estátua de São Francisco. Braulino tornou a perguntar:

– Maravilhoso! Isso é um Santo vivo! Nem sabia o que era uma estátua...

Braulino tinha, como filosofia, a seguinte frase: Deus cria todos os homens bons; é o demônio que impinge a malvadez nos homens. Por isso acontecem malvadezas no mundo.

Um dia, domingo de manhã, Braulino estava comprando passagem e pegar ônibus para viajar no interior de seu município. À frente dele, na fila de compra das passagens, se encontrava Frei Romano Zago, de hábito, que também comprava passagem, para ir a Porto Alegre. Braulino, como só tinha uma nota de Cr\$ 10,00 teve pena de gastar a nota bonita e pediu ao Frei Romano para pagar a passagem dele com uns de seus trocos, pois ele achava que não valia a pena converter uma nota de Cr\$ 10,00, em trocos, pagando uma viagem de pouco custo...

Certo dia, lá vinha Braulino, como de costume, porém mais eufórico que das outras vezes. No Seminário dos frades, encontrou-se com Frei Plácido, corrigindo provas de língua inglesa. O esmoleiro manteve um longo e bom "papo" com o Frei Plácido, que lhe pergun-

tou por que vinha sempre esmolar nos frades e por que não recebia salário de aposentadoria por invalidez? A resposta do Braulino: por não saber escrever o seu nome, fazer sua assinatura.

– Se for só por isso, então será fácil, disse seu ouvinte...

Frei Plácido logo se ofereceu para ensinar a escrever o nome, oferecendo-lhe um papel em branco e caneta para ele escrever o nome por extenso, no mesmo papel. Falou:

– Vai e treina bem lá em tua casa. Verás que lhe dão uma aposentadoria, assim que souberes assinar teu nome...

Tempos depois, aparece, feliz da vida, o seu "Alas Purgas" dizendo:

– Que bom! Daqui para frente, não venho mais pedir esmolas de vocês, dizia Braulino, mas somente para os visitar...

Depois do ano 1979, quando estávamos fazendo o Curso de CEFEPAL em Petrópolis, Frei Plácido e eu recebemos um dia carta, escrita pelo Frei Bernardo Kleinert, onde ele noticiou que o "Alas Purgas" viera a falecer.

Porto Alegre, 19 de maio de 1997.

Frei Pedro Scheibel, OFM

(BdeC — Ano XXXII — Julho-Agosto-Setembro — N° 3 — 1997, p. 170-171).

ROMARIA DA TERRA 2005



No dia 08 de fevereiro realizou-se a 28ª Romaria da Terra, em Linha Sítio, Cruzeiro do Sul, RS, com a temática: “Nossas Sementes, nossas Raízes, nossa Vida”.

Por volta de 9h, enquanto os carros e ônibus ainda vinham chegando, iniciou-se a celebração da missa, com a acolhida dos romeiros e romeiras, com o canto inicial: “Bom Dia, meu amigo e meu irmão. Sou feliz em tua companhia. Eu quero que sintas a paz em teu coração”.

No início explicou-se a importância da vida e das sementes, raízes e costumes indígenas, dos migrantes e imigrantes.

Cruzeiro do Sul tem suas raízes nas culturas indígena, africana, europeia, principalmente portuguesa e alemã. A estrutura das comunidades, a convivência social, cultural e religiosa, econômica e política foram moldadas pela inteligência desses povos.

Em Sítio, fazem parte da vida cotidiana a religião, a união das famílias, a organização das propriedades, a participação na Comunidade, a produção de subsistência, de comidas típicas de cada cultura. Na vida comunitária, o mutirão e a ajuda mútua, movidos pela solidariedade entre as famílias, é forte.

No início da caminhada peregrina cantou-se um canto em exaltação à palavra de Deus, elevando a Bíblia e a vela acesa, em procissão, partindo do Clube do Campo de Esporte, de Linha Sítio, de Cruzeiro do Sul. São dois quilômetros e meio de caminhada. Ao longo da estrada de chão batido, com várias subidas e descidas, tinham sido colocados oito painéis com paisagens de roças, até o bosque que nos esperava.

– Muitos mandiocais. Num deles, mãe e filha estavam capinando.

A criança brincava na sombra. O pai, com os bois na carroça, ia fazer pasto.

– Mais adiante, grupo de jovens levava diversas bandeiras simbolizando a luta do povo por seus direitos e deveres de classes e dos mais sofridos.

– Outro grupo de rapazes e moças enfileiravam-se em cima de barranco, ao longo da estrada, com bandeiras das 28 Romarias da Terra, com os lemas e temas refletidos em cada ano.

– Um jovem indígena, a cavalo, com a lança empunhada, lembrava aos brancos a defesa das terras indígenas, seu direito de viver e a preservação das reservas das matas nativas. Uma árvore, arrancada por um trator, fez lembrar as grandes derrubadas e queimadas das reservas.

– Além das paradas anteriores, realizou-se uma parada ao longo da caminhada, onde se refletiu, em concreto, sobre a engenharia genética, agrotóxicos, adubo químico e o monopólio das sementes. Refletiu-se, ainda, sobre a preservação da vida, da nossa “mãe terra!”, da “irmã água” e do ar, tudo o que ameaça a vida.

Durante a reflexão sobre a misericórdia e o perdão de Deus, através de seu filho Jesus, ficamos de costas um contra outro. Depois nos voltamos o rosto um para outro, pedindo perdão um ao outro e a Deus pelas nossas faltas e por tudo que não estava no plano do Pai do céu e da sua vontade. Depois do perdão, todos se deram o abraço da paz.

– Na continuação da caminhada, louvamos e agradecemos a Deus por sua grande misericórdia. Para quem quisesse, passou-se por baixo de um arco, com um chuveirinho, espalhando água de irrigação, lembrando o batismo e a nossa purificação.

– Já no bosque, continuamos a celebração, com preces, em procissão das sementes e das oferendas de colheitas, do dízimo e, junto às preces, o nosso agradecimento.

– Seguiram-se as orações, a consagração, as orações pelo Papa, Bispos e por toda Igreja, por todos os santos e pelos fiéis.

– A comunhão nos faz lembrar a partilha da palavra de Deus, partilha do pão e da solidariedade para com os mais necessitados.

– Canto final: “Põe a semente na terra, não será em vão, não te preocupa a colheita, plantas para o irmão”.

Foi um dia maravilhoso! Obrigado.

Frei Pedro Scheibel, OFM
(BdeC—Ano XL—Janeiro-Fevereiro-Março—Nº 1—2005, p. 50-51).

A contemplação, a meditação e a sensibilidade de Frei Pedrinho, como Vilimar Scheibel é carinhosamente chamado pelos confrades da Província, nos permitem participar de um olhar diferenciado sobre a vida cotidiana.

Aqui também ficam memórias, partilhadas com os irmãos, do que acontece simplesmente.

